



Economia solidária, a matéria que não reprova



Elis de Aquino e Renata Melo

Imagine um mundo em que, em vez de hierarquia e competitividade, a relação entre as pessoas fosse pautada por valores de solidariedade. Utopia? Para os estudantes e professores do Programa de Educação de Jovens e Adultos de Manguinhos (Peja-Manguinhos), não. Fruto da parceria entre a Cooperação Social da Fiocruz, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e a Oscip Rede CCAP, o Peja oferece, além das disciplinas convencionais, um tema pouco comum às salas de aula: a economia solidária. “A economia solidária (EcoSol) vai fazer o contraponto do que é oferecido hoje como tradicional. Se você tem num espaço de trabalho a hierarquia, a competitividade, a relação da mais valia, a economia solidária vai trabalhar com o inverso:

não-hierarquia, relação de cooperação, gestão compartilhada, espaços de decisão coletivos. É uma relação de trabalho não alienada em que o trabalhador pensa todo o processo produtivo”, explica Felipe Eugênio, um dos primeiros professores de economia solidária no Peja-Manguinhos, aula que hoje é ministrada por Ricardo Silveira, da Cooperação Social.

A discussão sobre EcoSol ocorre sob a forma de disciplinas e oficinas nos espaços de Vila Turismo e da Escola Politécnica (onde ficam as salas) do Peja. O debate sobre a inserção do tema em sala de aula começou no final de 2010, no espaço da Rede CCAP, na Vila Turismo, no bairro de Manguinhos. “Não faz sentido no Peja termos somente as matérias tradicionais, como nas outras escolas, e manter uma relação alienada quanto aos problemas reais daquelas pessoas, daquele território”,

explica Felipe. Em 2011, o coordenador da Cooperação Social, Leonídio Madureira, militante de longa data em Manguinhos, assumiu a disciplina de economia solidária. “A ideia é disponibilizar para essas pessoas as alternativas que surgem ao modelo capitalista, de modo que elas tenham uma reflexão um pouco mais profunda do mundo, do modelo de sociedade em que elas vivem e assim possam perceber seu papel nesta sociedade”, afirma Madureira.

E quem são essas pessoas? O Peja é constituído essencialmente por trabalhadores, alguns deles oriundos da própria Fiocruz. Por isso o debate sobre o mundo do trabalho, suas alternativas e contradições se torna tão interessante. Os olhares vão do ceticismo à curiosidade. A maioria nunca ouviu falar de economia solidária, mas a identificação é imediata. “Os alunos sentem na prática o que fa-



▶ O Peja é constituído essencialmente por trabalhadores, alguns deles oriundos da própria Fiocruz

lamos na sala de aula. Na aula eu sempre parto da realidade cotidiana, para que eles possam se reconhecer na discussão, para que relacionem a teoria à prática deles”, conta Ernesto Gomes, professor da Oficina de EcoSol na Escola Politécnica e integrante da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz.

Uma dessas estudantes é a trabalhadora Samara Félix, de 33 anos. A vendedora, depois de um longo dia de trabalho, encontra na escola um espaço de questionamento: “Hoje me revolto com as situações do dia a dia. Por que a gente trabalha mais e ganha menos? Isso é muito injusto”, conta a aluna do último ano do Ensino Médio. “Pelo que eu entendi, a economia solidária está lutando por um mundo e economia mais justos e por melhorias para a população. Antes eu achava a aula chata, mas é porque eu não entendia bem. Faltava matu-

ridade. Depois comecei a pesquisar na internet e percebi que é um assunto do nosso interesse”, avalia.

Histórias como as de Vergínia, Renato e tantos outros que decidiram buscar nos livros uma mudança de vida, tem com Fabiana Lima, que com apenas 17 anos parou de estudar por estar grávida. Trabalhadora da Fiocruz e moradora da Maré, hoje, dez anos depois e de volta aos bancos escolares, garante: “Comecei a ver o mundo de outra forma”. A economia solidária vai ao encontro de uma proposta de educação emancipatória, crítica e territorializada, características inerentes ao Peja-Manguinhos. Para Michele - coordenadora no espaço da Escola Politécnica e professora de história e geografia -, o conceito é importante para fortalecer a relação entre educação e movimentos sociais.

Nas aulas se sobressai a criativi-

dade. Filmes, documentários, teatralizações da vida cotidiana, debates, seminários e dinâmicas garantem o ritmo dos encontros. Numa das aulas, professor e alunos encarnam respectivamente a figura do patrão e empregados. Enfileirados como numa linha de produção, os alunos devem cortar o maior número de papéis no menor espaço de tempo. Os papéis picados representam o dinheiro e simplificam o conceito de mais valia. No fim da brincadeira, os sorrisos vão se desmanchando diante dos poucos papéis que representam o pagamento nas mãos dos alunos, em contraponto ao monte que vai para o bolso do patrão imaginário, lembrando a exploração diária dos trabalhadores e a injustiça do sistema econômico vigente. Mais do que um caráter formal de avaliação, os encontros de economia solidária buscam ser um instrumento de formação política. ♻️